

Bom desempenho deverá ser mantido

O ritmo de recuperação da economia brasileira pode ser mantido a partir de 1985, mesmo que o superávit da balança comercial não ultrapasse (corrigido da inflação) o patamar de US\$ 13 bilhões já assegurado para este ano, segundo estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas, que teve por base o bom desempenho dos diversos setores da aviltada economia do País, a partir do início de 84, mas com ênfase especial desde o começo do segundo semestre do ano.

O corte de mais de 50% nas importações de petróleo em 85, que irá, progressivamente, aumentando nos próximos anos, com o crescimento da produção interna e a consolidação do Proálcool, que, hoje, produz mais de nove bilhões de litros/dia; o aumento das reservas de energia barata, com a entrada em funcionamento das

Usinas de Itaipu e Tucuruí, permitindo às indústrias a substituição dos óleos combustíveis pela energia elétrica; e o aumento da produção industrial e a queda crescente do desemprego, aliados ao fortalecimento das reservas de dólares que já ultrapassam US\$ 6 bilhões, são considerados suficientes para garantir que o ritmo de recuperação da economia brasileira está firme e que o próximo Governo herdará um País em condições de se impor na negociação de sua dívida com os credores internacionais.

Pelo estudo do Instituto Brasileiro de Economia está certo o Ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, quando diz que o Brasil não precisará pedir dinheiro novo aos credores internacionais, nos próximos três ou quatro anos. A recuperação do crescimento do País "anima" os credores e "torna muito mais fáceis as negociações da dívida

externa", que serão "menos prolongadas e menos desgastantes".

Joel Korn, vice-presidente do Bank of America (terceiro maior credor do Brasil e considerado o maior banco do mundo), acredita que o Brasil poderá, a partir de agora, garantir a plurianualidade para a negociação de sua dívida" e vê como possível um combate mais eficaz à inflação. Segundo ele, o primeiro semestre do próximo ano foi beneficiar os países endividados, pois as taxas de juros dos Estados Unidos vão continuar caindo, ao mesmo tempo em que a reativação da economia norte-americana será mantida, beneficiando, com isso, por um lado, a estabilidade dos endividamentos e, por outro, um bom mercado para os países que estão aumentando suas exportações, como é o caso do Brasil.